

DISCO/Lançamento

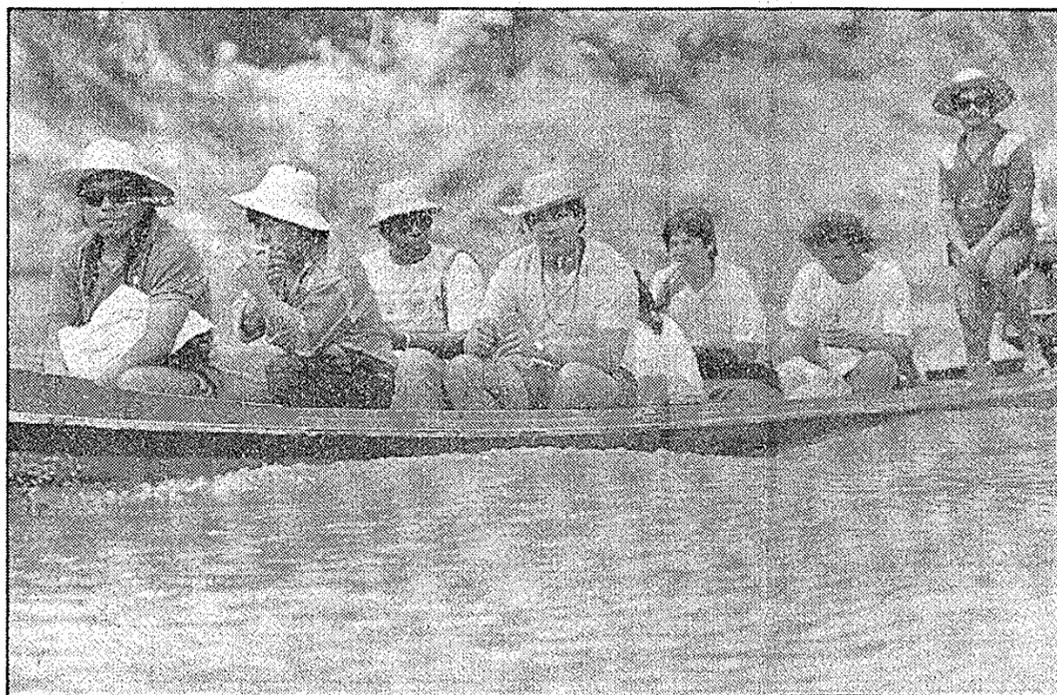
Milton combina Caetano com sons indígenas

Depois de uma pesquisa musical na Amazônia, o compositor mineiro chamou as estrelas da MPB para parcerias no disco *Txai*, que chega segunda às lojas do País

Mauro Dias

RIO — Milton Nascimento havia decidido que cinco cantos, de cinco nações indígenas, seriam vinhetas de seu novo disco, e não apenas vinhetas, mas fio condutor de um trabalho conceitual. Ouviu muitas horas de música dos índios gravadas precariamente e fez suas escolhas. Entre elas, contava-se um som de flautas e vozes femininas que — ele jura — de forma alguma poderia ficar de fora. Mas ficou de fora. Pois quando Milton foi à Amazônia gravar com aparelhagem mais sofisticada, recebeu a notícia de que aquele povo, aquela cultura, produtora de tais sons e daquela língua, já não mais existia. Morreram todos.

Se essa história não explicar e justificar *Txai*, nada mais o fará. Milton vem se aproximando dos sons tribais há muito tempo, mas aos poucos, sutilmente. Durante as gravações de *Yauaretê*, seu álbum de 88, resolveu que faria um disco — um dia — usando versões em línguas indígenas brasileiras para a música *Planeta Blues*, onde se ouve: "Eu sou atlântica dor/plantada no lado sul". O disco falava de rios, "a veia da Terra, o fluxo da irrigação e vida da Terra", e num contato com o pessoal da *Aliança dos Povos da Floresta* pediu material que o aproximasse ainda mais da música dos índios. O que ouviu, achou tão comovente que se esqueceu da história inicial de transportar o *Planeta Blues* para o verde da mata: "Enquanto isso, a organização preparava a minha viagem para lá, o que aconteceu em outubro do ano passado". A *Aliança* — que tem até embaixada em São Paulo e congrega índios, seringueiros e ribeirinhos, e da qual Milton faz parte — preparou a viagem de 18 dias: "Eu fui conhecendo pessoas, idéias, vendo as coisas bonitas dos rios, e ao mesmo tempo percebendo as queimadas, as devastações".



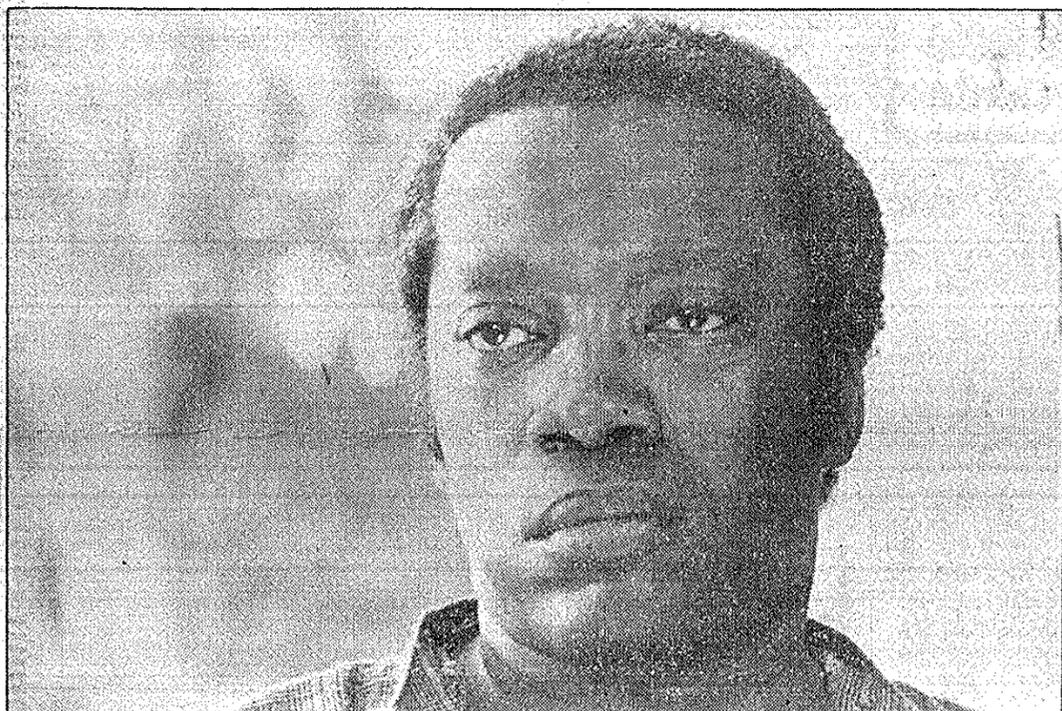
Uma trupe ecológica, com Marcos Terena, o segundo da esquerda para a direita e Milton, em águas amazônicas

Milton conheceu a palavra *txai*, originalmente do povo kaximawá, que é usada para tratar o cunhado — ou o avô materno — mas que foi incorporada pela população amazônica, principalmente do Acre, com o sentido básico de *companheiro*: "Ouvi de um seringueiro que *txai* é a metade de mim que existe em você, e a metade de você que existe em mim. Ou seja, *txai* é mais que irmão, mais que amigo". A chegada à mata foi um deslumbramento: "Lá eu imaginei como o Guimarães Rosa deve ter-se sentido ao investir nos sertões de Minas Gerais. Aquela gente tem a inteligência, beleza, a poesia, não tem medo de falar nos sentimentos, não teme exprimi-los — e mesmo sua dor vem carregada de enorme emoção poética". Ele conta que as crianças conversam com a natureza — com a

lua, as estrelas — e as pessoas se dão por inteiro: "Dão-se, elas e suas coisas, coisas que até fariam falta, mas que não podem ser recusadas, porque elas entregam a você o coração".

Na volta da viagem, Milton começou a compor. Depois chamou os parceiros — Caetano Veloso, Ronaldo Bastos, Fernando Brant e Márcio Borges — e distribuiu as músicas, a missão de escrever as letras: "A gente conversou muito, eu dizia o que sentia, mostrava os vídeos que foram feitos, as anotações de viagem". E houve mais uma viagem, desta vez para gravar — com mesa de 16 canais, geradores, técnicos, antropólogos que chegavam aos locais de batelão, canoa, helicóptero, teco-teco, ou mesmo por trilhas, carregando tudo nas costas, como numa versão tecnológica do filme *Fitzcarraldo* — e fez os registros.

A carreira internacional de Milton não está abandonada. Ele viaja para os Estados Unidos, Canadá e Porto Rico a partir do dia 7 de junho e, na volta, monta o show *Txai*. Até lá estará pronto o vídeo que registra os momentos da viagem e um livro com texto de Milton e ilustrações de Rubens Matuck sobre o assunto. Milton resolveu escrever ainda mais: "Ouvi o eco da minha voz, na floresta. Não é só aquela repetição, como no eco que conhecemos. É diferente, o som segue o caminho do rio. Antes eu tinha medo que as pessoas não acreditassem no que tenho para contar. Não tenho mais esse medo, não. Quando você encosta num barranco, naquela proçissão de canoas — aí você descobre o Brasil, descobre você mesmo, descobre tudo. Está na hora de dizer isto para os outros".



Milton segue em junho para os Estados Unidos e Canadá

Crítica

Boas composições perdidas na selva de arranjos e letras

Lauro Lisboa Garcia

Txai é a revelação do avesso do espírito de *Fitzcarraldo*, o delirante aventureiro de Werner Herzog, que Milton Nascimento já trazia latente em sua música. Como turista aprendiz de Villa-Lobos, ele até surpreende com melodias inspiradas (pontuadas por delicada instrumentação acústica), como não apareciam em seu trabalho desde o álbum *Sentinelas*, de 80. A textura melódica de aprendizado indígena, Milton teve o bom senso de apurar em estúdio, assessorado por músicos de primeira linha, como Nivaldo Ornellas, Robertinho Silva e Túlio Mourão.

Essa tradução, porém, elimina apenas em parte o desconfortável conceito folclórico a que esse tipo de empreitada está sujeito. As canções são intercaladas por vinhetas com cantos que começam com yanomamis e terminam com kayapós, mais significativos em seu ambiente. Quebrando o ritmo, as vinhetas se mantêm como trilha paralela. As letras oscilam entre o deslumbre e o sentimento de culpa, uma constante em pepitas lacrimogêneas como as de Ronaldo Bastos em *Sertão das Águas* ("Não venha o fogo queimar/nem trator poder arrastar/pra que a vida queira pulsar e correr"); de Fernando Brant em *Yanomami e Nós* ("...que a felicidade da cidade não tem que o mato matar") e *River Phoenix* em *Curi Curi* ("Progresso é destruição/desenvolvimento é dinheiro/isto é evolução/isto é um ótimo negócio"). Milton abre o disco com seu característico falsete de capela barroca, repassado para o grito de Tarzan de radinho de pilha. Desgaste de expressão, cujo clima se repete em músicas como *Estórias da Floresta*. Previsíveis também são as intervenções do coro, repletas de redundâncias, como na xaroposa Benke, em que desafinados "curumins" dividem o vocal com Milton e ofuscam a vitalidade da composição.

O maior prejuízo, no entanto, está não só nos vocais como também na orquestração grandiloquente destinada a uma obra-prima chamada *A Terceira Margem do Rio*. Tanto a melodia de Milton quanto a saborosa letra de Caetano Veloso remetem a *A Lá*, que este compôs com o bossa-novista João Donato e foi gravada por Gal Costa. "O rio riu, riu por sob a risca da canoa/o rio viu, viu que ninguém jamais olvida/ouvi ouvi ouvi a voz das águas" — jogos de palavras que cairiam bem com violão, baixo e percussão apenas. Mas *Fitzcarraldo* vence Donato e Milton queima seu melhor cartucho.

O supra-sumo da extravagância, no entanto, está na participação do ator, neo-indianista e de nome ecológico, *River Phoenix* (a mais recente fixação de Milton), recitando um texto bandeirista de sua autoria. É o passaporte para exportação, oportuno em dias de poderoso marketing mundial a favor da Amazônia. Instante de maior brilho tem a veterana iniciada Marlui Miranda em dueto com Milton em *Nozani Na* (Villa-Lobos e Roquette Pinto), a ponta de lança do LP junto com letra e melodia de *A Terceira Margem do Rio*. A exceção dos versos de Caetano e do canto de Marlui, *Txai*, com algumas aparas, poderia ser um ótimo disco instrumental, se Milton não passasse a impressão de estar o tempo todo tentando fazer um happening da sua "simplicidade".

Serviço

Txai (CBS) — 21º LP do cantor e compositor Milton Nascimento. Produzido por Márcio Ferreira, com direção musical de Milton. Arranjos de Wagner Tiso, Robertinho Silva, Marlui Miranda, Milton e grupo. Preço médio: Cr\$ 900,00.

